

considerações acerca dos veículos de informação impressos do movimento sindical/operário

LUIZA CELESTE MICHIELIN, bibliotecária do Centro de Documentação do Sindicalismo IESPE/PUCRS.

RESUMO: Apresenta apontamentos que caracterizam os meios de circulação de informação impressos, do meio sindical/operário contendo os tipos de documentos, coleta e localização, como também a importância desses documentos para estudos e pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa: Sindicato: Operários

1 INTRODUÇÃO

Os veículos de informação produzidos pelo meio sindical/operário, representam fontes de fundamental importância para a reconstrução da história desse segmento da sociedade.

A reconstituição desses veículos de informação (documentos) vem preocupando pesquisadores e entidades que hoje se engajam nessa busca para suas pesquisas e para formar arquivos da memória operária.

Este trabalho pretende apresentar algumas considerações e apontamentos a respeito do assunto. A partir de um trabalho prático junto ao Centro de Documentação do Sindicalismo (CDS), em especial com o Arquivo de Imprensa Sindical, do Instituto de Estudos Sócio, Político e Econômico da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (IESPE/PUCRS), participação em encontros e seminários, visitas a outros centros de documentação do país, e leituras esparsas.

2 TIPOS DE DOCUMENTOS

Os sindicatos de trabalhadores, associações profissionais e outras entidades de representação da classe trabalhadora se utilizam de vários tipos de documentos impressos para veicular suas informações.

Esses veículos são conhecidos como boletins, informativos, ou jornais (periódicos), panfletos, mosquitinhos, volantes (folhas soltas), cartazes, auto-adesivos, etc. Cada um deles desempenha uma função dentro da divulgação da informação.

Os boletins, informativos ou jornais, são o órgão de divulgação dos sindicatos ou associações que representam a linha de pensamento da diretoria. Podem ser encontrados em diversos

tamanhos e formatos, indo desde o meio-ofício ao tablôide. Ocorre, muitas vezes, de um mesmo sindicato apresentar o seu boletim em mais de um tamanho, por exemplo *O Bancário* órgão de divulgação do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre. Entende-se que isso esteja ligado a visão que o sindicato tenha sobre esse tipo de veículo, a quantidade de informações que tenha para publicar e o seu poder aquisitivo. O poder aquisitivo também se revela sobre a questão da periodicidade como afirma José Aleberto RODRIGUES “. . . a descontinuidade é uma característica principal da imprensa operária.” (3, p.40). Sobre a periodicidade ainda se constata que durante períodos de greves, eleições, campanhas salariais, não só surgem novos boletins como também as suas publicações são bastante constantes. Outra característica é a omissão de data e número. Alguns nada trazem dessas informações, outros, quando apresentam, aparecem incompletas. Muitas vezes para situar a data, além da leitura do texto, há que se buscar em outras fontes para se ter a idéia de uma data aproximada.

Os panfletos, mosquitinhos e volantes são em geral folhas soltas utilizadas para veicular informações rápidas tais como convocação para assembleias, propaganda de chapas, denúncias, campanha salarial, etc. Esses documentos em geral não trazem data. Os indicativos de data que aparecem muitas vezes são assim: *Assembleia quarta dia 7, 19 horas no sindicato* (panfleto da Oposição Sindical Metalúrgica do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre) ou ainda, dias 21, 22 e 23 será a votação, por exemplo. Disso dá para perceber que é uma informação dirigida e o que importa é o instante em que está ocorrendo. Há um caso em que não aparece o nome da categoria, cita-se entre outros, um panfleto divulgando uma chapa para a diretoria do sindicato, onde consta os nomes para os cargos, as reivindicações, dia da eleição e não consta o nome da categoria. Esta foi deduzida porque nas reivindicações aparecem as palavras *navegação e Porto de Porto Alegre*, ou seja, é da categoria dos portuários.

Os auto-adesivos e cartazes, em geral, são utilizados para as eleições sindicais. Alguns sindicatos considerados de *classe média*, utilizam os auto-adesivos para divulgar a profissão; é o caso do auto-adesivo utilizado pelos arquitetos onde consta *Construa certo, contrate um arquiteto*.

Através da impressão e diagramação pode-se saber a tendência político-ideológica de determinados sindicatos. Se for observado o periódico *Marreta*, órgão de divulgação do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, e a *Folha Metalúrgica*, órgão de divulgação do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, comparado com o *Jornal Hora do Povo*, Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), constata-se características comuns. Os dois primeiros são semelhantes na diagramação, impressão, formato e aparecem às vezes como *Marretinha e Folhinha Metalúrgica*. Outros elementos desses dois periódicos sindicais é constar junto ao título do ano, do número e de data e as cores e outros recursos para chamar atenção sobre as informações de modo sensacionalista torna esses três periódicos muito semelhantes. Este é um dos exemplos que vem a coincidir com o que constata Alcina M. L. CARDOSO e Silvia M. P. ARAÚJO de que “. . . boa parte dos periódicos não surge do meio operário propriamente dito, são, sim, fruto de grupos redatoriais gráfico-literatas, publicamente simpatizantes do movimento internacional do operariado.” (2, p.101).

3 COLETA

Considera-se coleta as diversas maneiras de obtenção dos documentos impressos dos sindicatos.

Grande parte dos documentos produzidos pelos sindicatos não se encontram nos mesmos. Isso se dá pela observação dos seguintes itens considerados importantes:

- não há, por parte dos sindicatos, interesse ou preocupação em manter um arquivo e registrar, assim, a sua história;

- não existe interesse em **promover a história sindical/ operária** dentro de uma sociedade de economia capitalista;
- as mudanças de diretorias, em geral, tomam por medida, ao sair do sindicato, destruir os documentos da sua gestão por implicações de prestação de contas, ou seja, **não deixar furos**;
- mesmo os sindicatos de *classe média*, não possuem documentos relativos a sua movimentação, como é o caso dos bancários que nada possuem dos impressos da greve de 1979;
- durante os anos de ditadura militar foram destruídos documentos dos sindicatos;
- o custo de manutenção de um arquivo implica no poder aquisitivo do sindicato.

Por outro lado, percebe-se que particulares interessados no assunto, colem esses documentos, formando suas próprias coleções. A exemplo disso existe o Arquivo João Batista Marçal, que possui inúmeros jornais da imprensa sindical/operária.

Hoje existem entidades e instituições envolvidas nessa atividade de coletar e localizar documentos produzidos pelos diversos segmentos do movimento sindical/operário. Havendo a nível nacional grupos considerados alternativos aos sistemas de documentação e informação tradicionais e que criaram seus próprios sistemas divulgando-os e formando pessoas que atuam no meio popular. Sua proposta se prende a coletar do meio, organizar e devolver para o meio. Em São Paulo tem o Centro de Pastoral Vergueiro (CPV), que acredita-se ser o maior arquivo de documentos produzidos no meio popular/sindical do Brasil. Em Recife, o Serviço de Documentação e Informação Popular (SEDIPO) também atua nessa área, mas voltado principalmente para o Nordeste juntamente com o Centro Piauiense de Ação Cultural (CEPAC) no Piauí. No Rio de Janeiro tem a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE, nacional) e o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

No Rio Grande do Sul tem o Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) e a FASE-RS. Existem ainda outros envolvidos na linha mais acadêmica como o Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade de Campinas, SP, o Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro em Recife, o Centro de Documentação e Estudos Contemporâneos (CEDEC) em São Paulo, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) no Rio de Janeiro e o Centro de Documentação do Sindicalismo (CDS) no Rio Grande do Sul que é o único que desenvolve suas atividades voltadas especificamente para as questões sindicais desde a coleta à pesquisa.

Se for analisado o interesse pela causa sindical, verificar-se-á que há um crescente envolvimento a nível de serem organizados centros específicos para isso. Por outro lado, o menos interessado é o movimento em si, os sujeitos da ação sindical. Numa passagem em que se conversava com um dirigente sindical sobre a importância de guardar os documentos dos sindicatos, dentro de uma visão de memória, a resposta foi *mas até aqueles papezinhos vocês querem?* Este é um dos tantos exemplos que vem confirmar a pouca importância que é dada a essas, mesmo que pequenas, manifestações que contêm em si o processo de organização de uma categoria.

As dificuldades para a coleta desses materiais são inúmeras como já foi citado anteriormente. Uma das práticas ainda mais eficientes é sair catando papel por aí, passar nos sindicatos. Os amigos também desempenham um papel importante na medida em que pertencem a uma categoria.

4 ESTUDOS E PESQUISAS

“Os jornais operários representam fontes primárias e ímpares para a reconstrução do pensar operário. Material bruto produzido no próprio meio operário, eles são ricos em conteúdo teórico e permitem ao pesquisador uma radiografia do seu processo de conscientização e organização,” é o que observam Alcina M.L. CARDOSO e Sílvia M.P. ARAÚJO (2, p.100) que vêm

desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a imprensa operária do Paraná. Apesar de ainda haver poucos estudos e uma bibliografia reduzida sobre esse tema, vários historiadores e pesquisadores como Edgard Carone, Maria Nazareth Ferreira, Boris Fausto, Francisco Foot Hardman, Sílvia Magnani e outros vêm utilizando os jornais operários para a reconstrução do movimento operário no Brasil.

Os estudos e pesquisas sobre a imprensa sindical/operária surge no Brasil, principalmente a partir de 1978. Para isso basta fazer um levantamento bibliográfico, ou observar as citações em trabalhos publicados sobre o tema, onde verifica-se que a maior parte das datas é a partir de 1978 e, como afirma Antonio A. C. RUBIN “. . . o segundo e último momento importante de concentração da produção de estudos sobre a imprensa proletária são os anos 70/80. . . os primeiros aparecem essencialmente no final da década de 70 e início dos anos 80, nitidamente acompanhando o processo de ‘abertura’.” (4, p. 53)

A produção sobre o movimento operário/sindical pode ser buscada nas seguintes fontes:

- a) dentro do próprio movimento;
- b) setores progressistas que se encontram a serviço dos movimentos sociais (igreja, centros de educação popular, etc.);
- c) universidades, centros de pesquisas;
- d) grande imprensa.

O primeiro é o que produz do meio para o próprio meio, considerada imprensa sindical/operária que segundo Elizabeth M. P. CADÓ (1) “. . . trabalha com questões voltadas para o mundo do trabalho. . . , com o dia a dia da vida do trabalhador.” O Segundo produz cartilhas de caráter educativo e jornais para o meio sindical/operário. Esses setores e entidades são representadas geralmente por grupos de esquerda confundindo-se algumas vezes como porta-vozes do sindicato. O terceiro representa os estudos e pesquisas sobre o movimento, de caráter acadêmico, envolvendo desde a história até a análise do movimento hoje sob vários enfoques. E o quarto, que são basicamente os jornais diários que caracterizam-se por sua base informativa, apresentando mensagens descritivas através de visão da ideologia dominante. É uma das fontes mais utilizadas para estudos sobre o movimento sindical/operário.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 CADÓ, Elizabeth Maria Pedroso. *Apontamentos sobre a Imprensa para a Classe Trabalhadora*.
- 2 CARDOSO, Alcina Maria de Lara & ARAÚJO, Sílvia Maria Pereira. *Jornais operários; metodologia para análise histórica do discurso operário na Primeira República. História: Questões & Debates, Curitiba, 4(6): 99-110, jun. 1983.*
- 3 RODRIGUES, José Alberto. *Sindicato e Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- 4 RUBIM, Antonio Albino Canelas. *A Pesquisa sobre Imprensa Proletária*. In: MELO, José Marques, coord. *Pesquisa em Comunicação no Brasil*. São Paulo, Cortez, INTERCOM, CNPq, 1983. p. 47-60.